

A VOLTA DO GATO PRETO: A NARRATIVA DE VIAGEM COMO JORNALISMO LITERÁRIO NA OBRA DO DR. ERICO VERISSIMO

The return of the black cat: the travel narrative as literary journalism in the work of Dr. Erico Verissimo

La vuelta del gato negro: la narrativa de viaje como periodismo literario en la obra del Dr. Erico Verissimo

Eduardo Ritter^{1, 2}

RESUMO

Desde a Grécia Antiga até a contemporaneidade, as narrativas de viagem são produzidas e publicadas com destaque no meio literário. No Brasil, a partir do século XX esse gênero ganha destaque no campo de produções jornalísticas. Erico Verissimo, jornalista, escritor e doutor em Literatura, foi um dos que deixou um rico legado nesse tipo de produção: quatro livros resultantes de viagens para Estados Unidos, México e Israel. Dessa maneira, o artigo investiga os elementos que permitem considerar o relato de viagem *A volta do gato preto* como uma narrativa que se enquadra no gênero Jornalismo Literário na categoria de livro-reportagem-viagem, proposta por Lima (2004). Para tanto, identificaram-se cinco temáticas principais que aparecem no enredo desse texto misto: viagem, família, universidade, cultura e guerra.

¹ Professor adjunto dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas do Centro de Educação Norte da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com período sanduíche na New York University (Estados Unidos). Email: ritteergaicho@hotmail.com.

² Endereço de contato do autor (por correio): Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen. Linha 7 de Setembro s/n, CEP: 98400-000, Frederico Westphalen, RS – Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo literário; História do jornalismo; Narrativa de viagem; Livro-reportagem; Erico Verissimo.

ABSTRACT

From Ancient Greece to contemporaneousness, travel narratives are produced and published prominently in the literary field. In Brazil, from the twentieth century this genre gains prominence in the field of journalistic productions. Erico Verissimo, a journalist, writer and doctor of Literature, was one of those who left a rich legacy in this type of production: four books resulting from trips to the United States, Mexico and Israel. In this way, the paper investigates the elements that allow to consider the trip report *The return of the black cat* as a narrative that fits in the genre Literary Journalism in the category of book-reportage-trip, proposed by Lima (2004). In order to do so, we identified five main themes that appear in the plot of this mixed text: travel, family, university, culture and war.

KEYWORDS: Literary journalism; History of journalism; Narrative of travel; Book-report; Erico Verissimo.

RESUMEN

Desde la Grecia antigua hasta la contemporaneidad, las narrativas de viaje son producidas y publicadas con destaque en el medio literario. En Brasil, a partir del siglo XX ese género gana destaque en el campo de producciones jornalísticas. Erico Verissimo, periodista, escritor y doctor en Literatura, fue uno de los que dejó un rico legado en ese tipo de producción: cuatro libros resultantes de viajes a Estados Unidos, México e Israel. De esta manera, el artículo investiga los elementos que permiten considerar el relato de viaje *La vuelta del gato negro* como una narrativa que se encuadra en el género Periodismo Literario en la categoría de libro-reportaje-viaje, propuesta por Lima (2004). Para ello, se identificaron cinco temáticas principales que aparecen en la trama de este texto mixto: viaje, familia, universidad, cultura y guerra.



PALABRAS CLAVE: Periodismo literario; Historia del periodismo; Narrativa de viaje; De anotaciones; Erico Verissimo.

Recebido em: 11.11.2018. Aceito em: 20.12.2018. Publicado em: 16.01.2019.

Apertem os cintos

No final dos anos 1950 uma obra escrita pelo escritor norte-americano Jack Kerouac se tornaria um clássico do movimento *beat* e de narrativas de viagem: *On the road*. Conforme explica Willer, um dos principais especialistas desse estilo literário, “há uma delimitação cronológica – de 1944 até 1958 ou 1959 – da *beat*, se encarada estritamente como movimento literário” (WILLER, 2010, p.10). Ou seja, a obra de Kerouac, publicada pela primeira vez em 1957, praticamente encerrou e consagrou o movimento que, a partir de então, passa a ser vislumbrado como um estilo. No entanto, o que fez essa obra obter tamanho sucesso? O próprio Kerouac explica: “E foi exatamente assim que toda minha experiência na estrada de fato começou, e as coisas que estavam por vir são fantásticas demais para não serem contadas” (KEROUAC, 2004, p.26).

Igualmente fantásticas demais para não serem contadas é a maioria das viagens feitas por escritores e jornalistas narradas no formato de livro. Um exemplo

disso é a obra *A volta do gato preto*, produzida pelo jornalista e escritor Erivo Verissimo quase 20 anos antes de *On the road*. Aliás, as narrativas de viagens, dos gregos antigos, passando por Marco Polo e Jack London, até se chegar aos contemporâneos Renato Ortiz e Dodô Azevedo, sempre atraíram a atenção do público.

Dessa forma, o presente artigo busca responder ao seguinte questionamento: O livro *A volta do gato preto* pode ser considerado uma narrativa jornalística de viagem? Para tanto, faz-se uma releitura da referida obra de Erivo Verissimo a partir da perspectiva sobre livro-reportagem-viagem, apresentada por Lima (2004), e de relatos do trânsito humano no jornalismo, de Martinez (2016). O objetivo principal da pesquisa é entender os motivos que levam a obra a ser, ou não, considerada uma narrativa jornalística de viagem.

Destarte, o artigo se caracteriza como sendo de metodologia aberta, no sentido proposto por Machado da Silva: “As lentes dos jornalistas e dos pesquisadores ampliam ou reduzem o observado

de acordo com o grau de interesse do observador, do seu ângulo de visão e da sua grade de percepção” (SILVA, 2011, p.16), ou seja, as técnicas metodológicas utilizadas influenciam na interpretação do objeto analisado. Assim, optou-se por procedimentos metodológicos abertos, utilizando a pesquisa bibliográfica para a realização de um texto que se caracteriza, prioritariamente, como sendo descritivo. “As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis” (GIL, 1994, p.45). Também é utilizada a perspectiva de Gancho (2006) sobre análise narrativa.

O presente artigo divide-se em duas partes. Inicialmente são feitas reflexões sobre narrativa jornalística de viagem, considerando esse tipo de narrativa como documento histórico. Posteriormente é feita a análise da obra *A volta do gato preto*, que é dividida em cinco categorias: viagens, família, universidade, cultura e guerra. Destaca-se ainda que esse estudo resulta de trabalhos realizados dentro do

projeto de pesquisa intitulado *Jornalismo literário de viagem: narrativas de jornalistas transitando pelo mundo*, coordenado pelo autor no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Narrativa jornalística de viagem e historicidade

Antes de se falar de narrativa jornalística de viagem é preciso ressaltar a importância de produções no campo do jornalismo como documento histórico. Esse é um dos caracteres que tornam a obra de Erico Verissimo tão atual e que valorizam os seus textos, pois as temáticas de muitos dos seus livros giram em torno de acontecimentos históricos, sendo esse o caso, por exemplo, da obra analisada no presente artigo. Também considera-se resolvida a questão que envolve Verissimo e o jornalismo, afinal, o escritor teve uma atuação marcante no jornalismo do Rio Grande do Sul na década de 1930. “Assim como Erico Verissimo, outros escritores, tanto brasileiros quanto estrangeiros, também tiveram profunda experiência no

Jornalismo” (RITTER, 2016a, p.200; RITTER; ROQUE, 2016; RITTER, 2018)

Quanto a importância da historicidade dentro do Jornalismo, vale destacar, pois, a perspectiva de Benedeti que apresenta uma das principais semelhanças entre Jornalismo e História: “História e jornalismo aproximam-se tanto na natureza de seu objeto (a realidade) quanto no tipo de trabalho que realizam (produção de relatos fáticos)” (BENEDETI, 2009, p.67). No entanto, a autora chama a atenção para algumas diferenciações entre os dois campos. Uma delas está no fato de que a realidade com que a história se preocupa é a do passado, enquanto que a realidade que está sendo enfocada no jornalismo é a do presente. Porém, e quando o presente vira passado? É nesse ponto que o jornalismo se torna fonte de documento histórico. E isso não é diferente com as narrativas jornalísticas de viagem. Mas afinal, o que caracteriza essa prática jornalística?

Para responder a tal questão, recorre-se a Lima (2004). O autor apresenta uma tipologia para classificar livros-reportagens, sendo que um deles é justa-

mente o livro-reportagem-viagem, que “apresenta como fio condutor uma viagem a uma região geográfica específica, o que serve de pretexto para retratar, como em um quadro sociológico, histórico, humano, vários aspectos de realidades possíveis do local” (LIMA, 2004, p.58). O autor acrescenta que esse relato é diferente do relato turístico.

Martinez (2016), por sua vez, aborda os relatos do trânsito humano no jornalismo, como um tipo de Jornalismo Literário (JL). Ela lembra que esse tipo de narrativa, mais voltada para a História, e não para o Jornalismo, existe desde o texto de Homero, que teria vivido em VIII a.C. na Grécia Antiga. “Se em *Iliada* Homero relata a Guerra de Tróia, o primeiro relato de conflito, em *Odisseia* narra a saga do rio Ulisses para regressar ao seu lar, Itaca” (MARTINEZ, 2016, p.72; PAIVA; MARTINS; MARTINEZ, 2018; MARTINEZ, 2016). Assim, a autora apresenta três tipos de narrativas de viagem: os ficcionais, os não-ficcionais e os mistos. Particularmente, nesse artigo trabalha-se com a perspectiva de que as narrativas de viagem jornalísticas podem

tanto ser não-ficcionais quanto mistas. “Com a consolidação do jornalismo no século XIX, muitos jornalistas-escritores publicam em livros-reportagens o excedente de seu material de reportagem ou reflexões sobre suas próprias viagens” (MARTINEZ, 2016, p.80). A autora apresenta ainda a narrativa de viagem como um gênero jornalístico, sendo que, para esse estudo, vale-se especificamente do livro reportagem. Eduardo Belo define livro-reportagem como:

É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica – com a exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa (BELO, 2006, p.41).

Também é possível classificar a narrativa de viagem jornalística como biográfica, sendo que, no caso de Verissimo, valendo-se da proposta de Martinez (2016), os livros de viagem são do tipo memória, que é quando a narrativa biográfica é baseada em recordações. Entrementes, vale ressaltar que a criatividade literária e a

sinceridade são marcas de Verissimo, tanto em seus livros de memórias quanto nos romances, afinal, como salienta o escritor: “O ficcionista é, em última análise, um alucinado que acredita nas coisas que ele próprio inventa” (VERISSIMO, 1996a, p. 266).

O *On the road* de Erico Verissimo

“Chegamos a Nova Orleans às nove horas dum clara manhã, saltamos para a plataforma da estação, respiramos com gosto este ar dourado e fresco, metemos nossas malas e nossos corpos num táxi amarelo e pedimos ao condutor que nos leve ao Hotel Palm” (VERISSIMO, 1996a, p.67). Essa frase, escrita por Verissimo enquanto ele e a família cruzam os Estados Unidos da costa leste à oeste de trem, parando em várias cidades, poderia ser um trecho da já referida obra de Kerouac. Na verdade, Verissimo é mais um viajante, dentre tantos outros, que coloca as suas experiências em narrativas. Porém, é possível considerar a obra de Erico Verissimo como uma narrativa jornalística de via-

gem? Para responder a tal questão, começa-se recorrendo às reflexões de Martinez sobre a relação entre narrativa de viagem e jornalismo literário:

A partir desse ponto, a nascente literatura de viagem estaria marcada pela visão de um autor que empreende uma longa jornada com um único ou vários destinos sequenciais. Esse estilo autoral, aliás, é considerado elemento-chave no estudo do Jornalismo Literário, vertente jornalística que se dedica ao estudo das narrativas de viagem [...] (MARTINEZ, 2016, p.72-73)

Para tanto, a narrativa pode ser publicada nas mais diversas plataformas midiáticas, dentre as quais, o livro-reportagem. Para Martinez (2016), há dois elementos fundamentais para uma narrativa ser considerada de viagem: 1) essas narrativas primam pela observação, permitindo diversos níveis de aproximação, sendo o mais profundo a observação participante e; 2) a interpretação do material coletado. Considera-se, portanto, o livro *A volta do gato preto* como um livro-reportagem de viagem.

Tal obra é um livro sobre a segunda passagem de Verissimo pelos Estados

Unidos. Na primeira, *Gato preto em campo de neve*, ele justifica a escolha do título, se valendo de ficção: o escritor conta que o título foi sugerido por um gato negro que estava em meio a neve no Colorado. Enquanto que nesse primeiro livro a experiência do autor em solo norte-americano é de três meses, nesse retorno é de dois anos.

A viagem resulta de uma estadia do escritor em Berkeley entre 1943 e 1945, a convite da universidade local, onde ele ministra aulas sobre literatura brasileira. Durante esse período, o autor vivencia a Segunda Guerra Mundial estando em um país que era protagonista no conflito, vive experiências pessoais e familiares com a esposa e dois filhos que chegam ao país sem falar inglês, vivencia as eleições presidenciais, testemunha a morte de Roosevelt, cruza o país de trem, trabalha de tradutor do músico Villa Lobos, arranja emprego para um ascensorista de hotel, vive o Halloween, a universidade, enfim, leva uma vida de imersão na cultura americana.

Para analisar mais a fundo o relato de Verissimo, opta-se pela classificação dos elementos de uma narrativa que, conforme Gancho (2006), são: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. Por ser uma categoria mais ampla, nesse artigo será observado o enredo da narrativa, ou seja, “o conjunto dos fatos de uma história” (GANCHO, 2006, p.12). Inicialmente deve-se salientar que o livro de Verissimo é dividido em quatro partes. Na primeira, que leva o título de *Os argonautas*, o escritor narra desde a aterrissagem nos Estados Unidos, em Miami, até a chegada em Los Angeles, na Califórnia, e compreende ao período de 7 de setembro de 1943 até 23 de outubro do mesmo ano. A segunda parte, intitulada *Diário de San Francisco*, conta muito da rotina do escritor e da família na cidade onde fica o campus da Universidade da Califórnia, e abrange o período de 24 de outubro de 1943 até 28 de junho de 1944. A terceira parte, *Interlúdio*, trata do curso de férias que Verissimo ministra no Mills College entre 30 de junho a 6 de agosto de 1944. Por fim, da mudança do escritor para Los

Angeles nasce o último capítulo: *Diário de Hollywood*, período que vai 10 de agosto de 1944 e 28 de junho de 1945.

Feita essa breve descrição, optou-se por dividir o enredo em cinco temáticas, a saber: 1) viagens, 2) família, 3) universidade, 4) cultura e 5) guerra.

Viagens

Em determinado trecho da narrativa, quando Verissimo já está na universidade, um professor da Universidade da Califórnia afirma ao escritor que ensinar é a verdadeira vocação de Verissimo, ao que ele responde: “Quer saber duma coisa? O que sou mesmo é um viajante nato. Levei quase quarenta anos para descobrir isso” (VERISSIMO, 1996a, p.373). E não é a toa que o escritor brasileiro deu tal resposta, pois até chegar lá, Verissimo já tinha passado por diversos destinos do Brasil (ele cita Natal, Fortaleza, Maceió e Belém) e dos Estados Unidos.

No entanto, o verdadeiro *on the road* de Verissimo começa em Miami. De lá até o outro lado do país, ele narra experiências vividas com a família, a falta de

dinheiro e, caracterizando a obra como livro-reportagem, inclui diversas contextualizações históricas, descrições e interpretações. O escritor descreve Miami, por exemplo, como “parque de diversão de milionários” (VERISSIMO 1996a, p.27) e comenta sobre o *boom* imobiliário do período, recuperando-se da crise de 1929. Já sobre a passagem por Nova Orleans, Verissimo descreve a culinária local: “Entre os quitutes famosos da terra encontra-se o *bombo aux herbes* que no francês dos pretos se transformou em *gombô zhèbes*” (VERISSIMO, 1996a, p.85). Além disso, o escritor descreve e também conta um pouco da história do Novo México e Arizona, principalmente das cidades de Tucson e Phoenix, tudo isso, em um tempo em que não havia nem internet nem *google*. Durante toda a narrativa sobre essa viagem ele já reflete sobre as diferenças culturais entre Brasil e Estados Unidos, além de revelar que os seus dois filhos e a esposa estavam ainda com a cabeça no país sul-americano: “As crianças não se querem afastar de mim, nem um minuto, no imenso horror de que alguém lhes diri-

ja a palavra nessa língua barbaramente complicada” (VERISSIMO 1996a, p.58).

Em síntese, sobre a temática viagem, o próprio escritor salienta que: “E assim nesse ritmo visitei mais de vinte cidades, percorri mais de cinco mil quilômetros como um caixeiro-viajante que procurasse impingir às gentes de todos esses lugares a ideia de que o Brasil é um grande país e os brasileiros um povo admirável” (VERISSIMO 1996a, p.410).

Família

Enquanto na temática anterior são evidenciadas principalmente a descrição e a interpretação, que caracterizam o texto como livro-reportagem, nessa segunda aparece elementos presentes nas narrativas de viagem de memória, como reflexões em primeira pessoa, lembranças e diálogos, características desse tipo de texto apresentadas por Martinez (2016). Para tanto, vale ressaltar que nessa obra, Verissimo altera o nome de sua esposa, Mafalda, para Mariana. Já Luis Fernando (que chega ao país com sete anos) é tratado

apenas por Luis, e Clarissa (nove anos) se torna Clara.

O tema família permeia toda a obra, desde a viagem do Brasil para os Estados Unidos, quando Verissimo imagina o que o filho, Luis Fernando, estaria pensando ao olhar pela janela do avião: "Olho furtivamente para Luís, que aperta o nariz contra o vidro da janela. Decerto imagina que vai bombardear Tóquio no seu *Liberatdor*" (VERISSIMO 1996a, p.13). Ainda sobre o filho mais novo:

Luís tem sete anos e grandes olhos castanhos tocados às vezes de muita ternura humana, e quase sempre dum vago ar de ausência. Sei que neste momento ele não está em Miami, Flórida, mas em algum outro lugar remoto, impossível e provavelmente inexistente [...]. Lobo solitário, Luís gosta de brincar sozinho, e de vez em quando afunda em prolongados silêncios, e anda perdido não sei por que misteriosos mundos de faz de conta" (VERISSIMO 1996a, p.17)

Sobre a filha Clarissa, Verissimo escreveu: "Se Luís é um peixe solitário de águas fundas, Clara é um pássaro inconsequente de asas inquietas. Onde quer que esteja está sempre psicologicamente

num palco. Para ela tudo é teatro" (VERISSIMO 1996a, p.18).

Outra característica presente no texto de Erico Verissimo é o constante uso do humor. Ele comenta, por exemplo, uma situação em que ele e Luis Fernando estavam vendo um filme em um cinema, e uma senhora pergunta para o garoto se ele estava gostando do que estava assistindo. "Sem dizer palavra, o menino fica a olhar para a desconhecida com um ar de tamanha abstração que ela decerto imagina que está tratando com um imbecil" (VERISSIMO 1996a, p.45).

Outro problema enfrentado pela família em um país estrangeiro foi a locação de uma casa. Após muita procura, prometendo ao agente imobiliário de que "meus filhos são verdadeiros anjos, e que saberão respeitar as poltronas de veludo, os espelhos, os tapetes e os moveis da casa" (VERISSIMO, 1996a, p.125), Verissimo finalmente encontra uma em que a dona do imóvel, chamada de Ms. Burke, mora numa espécie de sótão, enquanto a família mora na casa. A casa, descrita por Verissimo como enorme, conta com quin-

ze peças, além do subsolo, onde reside a Ms. Burke. Logo na chegada, as crianças conhecem os vizinhos, no entanto, encontram a língua como barreira. “Pai! Pai! Eles não falam brasileiro! Nós não falamos inglês! Como vai ser?” (VERISSIMO 1996a, p.135). Assim, eles passam a brincar basicamente utilizando mímica e quando as aulas começam, as duas crianças rapidamente estão falando inglês melhor que o próprio Verissimo.

Universidade

Ministrando aulas de literatura brasileira durante dois anos, o escritor pôde vivenciar as mais variadas situações. No capítulo intitulado *Espetáculo*, ele descreve o Commencement Day, que é a formatura em que ocorre a entrega dos diplomas. “Estudantes em uniforme da marinha entram por um lado do teatro, ao mesmo tempo que outros colegas metidos no fardamento do exército entram pelo lado oposto” (VERISSIMO 1996a, p.120). A descrição, aliás, que é uma das características do JL apontadas por Martinez (2016). Já ao relatar a sua primeira aula, Verissimo se

vale da intertextualidade, técnica também usada pelo autor na ficção. Aliás, essa é um dos artifícios mais comuns em romances. Conforme Lodge: “Há muitas formas de um texto se referir a outro: paródia, pastiche, eco, alusão, citação direta e paralelismo estrutural” (LODGE, 2011, p.106). Curiosamente, Verissimo faz a referência baseado na lembrança de um dos principais autores de narrativas de viagem da literatura ocidental: “Confesso que estou comovido, pois me ocorre que por aqui deve ter passado há muitos anos um estudante rebelde, de suéter azul de embarcadouro, cabelo bronzeado e revolta e ar meio adoidado. Chamava-se Jack London e sonhava com viagens e aventuras” (VERISSIMO 1996a, p.137).

Verissimo também era convidado para ministrar palestras aos mais diversos públicos. Isso fica claro no seguinte trecho: “Minha magra contribuição para o esforço de guerra consiste em fazer palestras pelo rádio, nos programas transmitidos para a Europa sob o patrocínio de Office of War Information, e ocasionalmente falar em hospitais de marinheiros e

soldados convalescentes” (VERISSIMO 1996a, p.232). Além disso, ele participou de programas de mesa redonda e palestras em diversas instituições. Outro desafio enfrentado pelo escritor foi servir de consultor a todos os alunos da universidade que estudavam cultura ou língua latina. Em determinado momento ele foi procurado por um aluno que estava dificuldade para compreender a gramática da língua espanhola.

O rapaz deve ser um astro do futebol. Deve ser popular com as meninas e possuir uma saúde de touro, mas não sabe o que é advérbio... Perco-me em divagações, enquanto meu jovem interlocutor resmunga desculpas. Acabo concluindo que não há nenhum mal em que esse esplêndido espécime humano não conheça gramática (VERISSIMO 1996a, p.212).

Alguns alunos, aliás, procuram-no frequentemente. Segundo Verissimo, há uma aluna que aparece seguidamente para discutir Freud em sua sala. Sobre os estudantes, ele comenta: “Pedem opiniões, indagam, sugerem, tomam notas e depois se vão” (VERISSIMO 1996a, p.213). Já em outro momento, ele conta o que

um grupo de alunos está indo fazer depois de concluir o seu curso: “Patsy vai para Nova York tentar uma carreira no rádio. Helen quer visitar o Brasil. Marion Rita vai para o México, Monguió foi chamado para o exército. Maryfrances vai casar. Maria Antonieta destina-se a uma universidade em Minnesota” (VERISSIMO, 1996a, p.254).

Devido aos serviços prestados na universidade, Verissimo recebe o título de doutor em cerimônia realizada no dia 4 de junho de 1944. O título foi concedido pelo professor White Smith, presidente do Mills College, valendo-se de um direito que é concedido ao presidente pela junta administrativa. Pela relevância social dos romances escritos e dos trabalhos como professor e conferencista, Verissimo passa, então, a ser Dr. Erico Verissimo. “O Presidente White me aperta a mão e me entrega um pergaminho, enquanto um fotógrafo bate uma chapa. O ato está consumado. Boa-tarde, doutor!” (VERISSIMO, 1996a, p.228).

Cultura

Diretamente relacionada com o tema universidade, a cultura é outro elemento importante da narrativa de Verissimo. Entende-se aqui por cultura a perspectiva aberta, adotada por Stuart Hall, que envolvem não apenas questões geográficas, mas também experiências pessoais, mudanças, instituições, costumes e outros elementos, afinal, "as culturas sempre se recusaram a ser perfeitamente encurraladas dentro das fronteiras nacionais. Elas transgridem os limites políticos" (HALL, 2009, p.35). Ou seja, não é possível fechar a cultura ou controlá-la. São diversas as reflexões que Verissimo faz relacionando o seu país de origem com a nação em que se encontra no momento. Ao ser censurado pela esposa no avião, na viagem de ida para os Estados Unidos, o autor responde: "Bem se vê que és brasileira. Vens dum país em que tudo é pretexto para meter um homem na cadeia. A terra do não pode. Tudo proibido. Dip, Deip, Dasp. Censura. Hora do Brasil. Polícia Especial" (VERISSIMO 1996a, p.41).

Mas não são apenas de reflexões sobre as diferenças dos dois países que são sustentadas as ideias de Verissimo sobre política, cotidiano, instituições, enfim, sobre cultura. Ele também constata e descreve momentos históricos da cultura norte-americana, como o surgimento de Frank Sinatra, que começava a atrair a atenção de milhares de fãs pelo país.

A grande sensação em matéria vocal é Frank Sinatra, que se ergue há já alguns meses como rival de Bing Crosby. Sinatra é um jovem pálido, magro, de ar doentio, que segundo informa seu agente de publicidade gosta de *spaghetti* frio e de gravata borboleta. Retratos do novo ídolo aparecem por toda parte (VERISSIMO 1996a, p.45).

Ainda no campo da música, outro artista, porém, brasileiro, ganha destaque em determinado momento da narrativa. Ele é convidado a trabalhar como tradutor do músico Villa Lobos, que faz um concerto na Califórnia. Verissimo destaca a grande cobertura e o enorme espaço dado pela imprensa local ao músico brasileiro. No entanto, o humor e a comicidade são centrais nessa parte do enredo, pois Villa Lobos não sabia quem era Erico Verissimo,

chamando-lhe de Luís. “É inútil explicar que não me chamo Luís. De resto, que é que há num nome: - como dizia Shakespeare” (VERISSIMO, 1996a, p.332). Para tentar melhorar a imagem do mau humor de Villa Lobos, Verissimo se vê em diversas situações em que é preciso mudar o que o músico diz para os americanos, como por exemplo, quando eles são convidados para um jantar e o brasileiro é convidado a tocar:

- Faça o favor, meu amigo, diga ao maestro que este clube tem recebido em seus salões celebridades como Toscanini, Stravinsky, Stokowsky, Rachmaninoff e outros.

Faço a tradução para Villa-Lobos, que resmunga, azedo:

- Não interessa... não interessa...

- Que foi que ele disse? – indaga a loura.

- Ah!... ele disse: esplêndido... esplêndido.

A balzaquiana sorri e continua:

- Diga também ao Sr. Villa-Lobos que o fato de ele não falar inglês não tem a menor importância. Nós o admiramos tanto, que só de ficar aqui a olhar para ele sentimo-nos felizes...

Transmito estas palavras ao maestro, que exclama:

- Diga a ela que não sou papagaio nem palhaço de circo!

Volto-me para o auditório e traduzo:

- O maestro declara que se sente felicíssimo por estar aqui hoje...

Há um murmúrio de contentamento no salão (VERISSIMO 1996a, p.342).

Como é possível perceber, há um tom anedótico na narrativa, que para os conhecedores da biografia de Villa Lobos torna-se ainda mais saborosa. Essa capacidade de prender a atenção do leitor com diálogos e descrições reflete bem a interseção existente entre o Jornalismo e a Literatura no texto de Verissimo.

Como um bom viajante, uma das principais marcas de Verissimo foi tratar do cotidiano dos lugares por onde ele passou, como no seguinte trecho, em que ele comenta como se inseriu na cultura americana assim que chegou a San Francisco:

Sinto um certo prazer em tomar conhecimento numa série de aspectos da vida doméstica e burguesa e faço isso com um interesse que é em parte profissional e em parte humano. Dentro de pouco estou conversando com estas senhoras que vêm ao *Market* com cestos no braço. Ficam todas alvoroçadas (trópico... rumba... cinema... viagens) quando lhes digo que sou do Brasil. Discutimos a falta de criadas, o preço dos gêneros, e – ah! O grande, o supremo assunto destes dias! – o problema do caderno de racionamento (VERISSIMO 1996a, p.47).

Verissimo se refere ao racionamento que era imposto à sociedade americana

devido a sua participação na Segunda Guerra Mundial. Chega-se, então, a última temática identificada na narrativa de viagem do autor: guerra.

Guerra

Logo na chegada ao país, Verissimo e a sua família percebem os efeitos que a guerra tem no cotidiano e na vida dos americanos e estrangeiros que vivem nos Estados Unidos.

Aos poucos vamos percebendo os efeitos da guerra na vida americana. O serviço nos cafés, restaurantes e lojas é mais demorado e menos eficiente que nos tempos de paz. Há uma escassez de manteiga, presunto, queijo e carne. O racionamento é feito por meio dum sistema de pontos. Todos os membros de cada família, inclusive crianças – têm direito a um livrete que leva seu nome, e que convém uma grande quantidade de estampas. As vermelhas servem para comprar carne e derivados, queijo e manteiga [...] (VERISSIMO 1996a, p.38).

O autor complementa abordando o aumento nos preços, principalmente de bebidas como uísque. “Com a guerra, velhos aposentados voltaram à atividade substituindo os homens e mulheres jovens que estão no exército, na marinha ou que

mourem nas fábricas de aviões e nos estaleiros. Eles trabalham em elevadores, escritórios, lojas, cafés, bancas de jornais, etc” (VERISSIMO 1996a, p.39). O transporte público também é afetado e apresenta um atendimento precário aos seus usuários, pois “as companhias ferroviárias declaram que, estando também mobilizadas para o esforço de guerra, o transporte de tropas, armas e munições vem em primeiro lugar” (VERISSIMO 1996a, p.39). As empresas ainda suplicam para que os civis não viagem sem necessidade, espalhando cartazes em plataformas: “Is this trip necessary?” (VERISSIMO 1996a, p.40). Esse relato de experiência, vivenciada pelo autor direto de um dos lugares mais importantes no cenário da Segunda Guerra Mundial, atuando verdadeiramente como um correspondente que estava lá para relatar o cotidiano americano enquanto o país era protagonista do maior conflito armado da história, demonstra o contraponto diante das versões consagradas sobre o lado americano no conflito.

Verissimo dá vida a acontecimentos que, muitas vezes, são tratados apenas

como números: “O país lutou nas duas frentes, da Europa e do Pacífico, perdendo 322 mil combatentes e recebendo 800 mil feridos. O apoio da população à guerra foi quase absoluto, inclusive do CPUSA (Partido Comunista), que trocou de lado quando Hitler invadiu a União Soviética” (KARNAL; PUDY; FERNANDES; MORAIS, 2011, p.217). O referido apoio é descrito vivamente pelo escritor: “Vemos pelas ruas uma quantidade enorme de soldados e marinheiros, e pelas paredes e muros, belos e sugestivos cartazes convidando o povo a comprar bônus de guerra” (VERISSIMO 1996a, p.38).

Esses relatos, além de darem um caráter jornalístico à narrativa de viagem de Verissimo, também tornam o texto um documento histórico, não só para brasileiros e americanos, mas para todos os pesquisadores sobre o conflito. No capítulo *A bomba e o bom samaritano*, por exemplo, Verissimo apresenta uma longa reflexão sobre a bomba atômica utilizada pelos americanos no final do conflito.

Chegando ao destino

Depois de realizar essa viagem na obra de Verissimo, vale a pena retomar a questão feita no início deste texto: o livro *A volta do gato preto* pode ser considerado uma narrativa jornalística de viagem? Inicialmente, vale lembrar que, sim, o enredo criado pelo escritor brasileiro o caracteriza como uma narrativa de viagem, tendo em vista que não é uma obra de ficção (mas sim, mista, conforme já explicitado) e relata as experiências de seu autor estando em trânsito pelo mundo. Resta então questionar se o texto pode ser apontado como uma narrativa jornalística. Ressalta-se, então que sim, trata-se de uma narrativa jornalística que se enquadra no gênero Jornalismo Literário. Para além dos argumentos já utilizados de Lima (2004) e Martinez (2016), acrescentam-se outras perspectivas de JL. Juliano Borges, por exemplo, destaca que “a discussão sobre se um livro-reportagem tem atrelamento maior à literatura do que ao jornalismo vem desde a publicação de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, em 1902” (BORGES, 2013, p.260). Assim, o autor de-

fende o JL como um gênero jornalístico, na qual se enquadra textos como o livro-reportagem que, na classificação de Lima (2004) tem na narrativa de viagem um subgênero.

Rildo Cosson por sua vez, defende a autonomia desse tipo de texto, ressaltando que olhar ele sob a ótica tanto da literatura quanto do jornalismo é fazer essas obras serem lidas pelo que elas não são. "A premissa básica que nos guia é a identificação do romance-reportagem como um gênero autônomo situado nas fronteiras de dois discursos: o literário e o jornalístico" (COSSON, 2001, p.9). O professor e pesquisador norte-americano Robert Boynton complementa esse raciocínio destacando que os jornalistas literários atuais tem como objetivo justamente serem escritores de JL: "Nem romancistas frustrados, nem repórteres rebeldes, eles querem ser escritores de revistas e livros que tem se beneficiado enormemente do legado legítimo que Wolfe e os outros deixaram na literatura de não-ficção" (BOYNTON, 2005, p.6-7).

Acrescenta-se a isso o fato de que as narrativas como a de Verissimo pode ser, portanto, vistas sob as duas perspectivas: elas estão justamente na hibridez entre as narrativas literária e a jornalística. Isso que foi identificado na obra *A volta do gato preto*. Aliás, desde a primeira obra de deslocamento de Verissimo há uma "viagem dentro da viagem, uma viagem externa e uma viagem interna por dentro dele mesmo" (HOHLFELDT, 2005, p.14). Ou seja, há uma viagem física e também filosófica e literária do autor. Para finalizar essa etapa do estudo que vem sendo pelo autor sobre jornalismo literário de viagem, recorre-se à reflexão feita por Verissimo sobre o ato de viajar:

Creio que a gente viaja muitas vezes por culpa duma gravura que viu na infância, num velho livro. A ilha de Bali... Cena de rua em Hanoi... Cerejeiras floridas em Washington... Voltamos a página, devaneamos um pouco, depois aparentemente esquecemos a figura. Mas acontece que a lembrança do clichê se transforma num desejo, e esse desejo fica como que adormecido durante anos e um dia, em a sorte ajudando, ele nos leva a viajar (VERISSIMO, 1996a, p. 104).

Essa perspectiva poderia ser estendida hoje para outras mídias: como o cinema, as séries de TV ou internet, animações, blogs, etc. No entanto, esse seria tema para outra pesquisa. Encerra-se, portanto, essa etapa do estudo sobre as narrativas de viagem de Erico Verissimo lembrando que, cada viagem deixa o jornalista e escritor viajante com gostinho de quero mais. “Ficamos outra vez a devanear, nostálgicos, e nosso desejo de viajar é tão grande que acaba nos jogando dentro dum trem ou dum avião, nem que seja para uma viagem intermunicipal” (VERISSIMO, 1996a, p.104). E quando nem a viagem intermunicipal é possível, essa vontade nos joga para os livros, para as narrativas de viagem ou para a produção de um artigo sobre essa temática que tão constantemente fascina a este e outros pesquisadores.

Referências

- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BENEDETI, Carina Andrade. **A qualidade da informação jornalística** – Do conceito à prática. Florianópolis: Insular, 2009.
- BORGES, Juliano. **Jornalismo literário** – teoria e análise. Insular: Florianópolis, 2013.
- BOYNTON, R. **The new new journalism**. New York: Random House, 2005.
- COSSON, Rildo. **Romance reportagem: o gênero**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.
- GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses** – Ensaio de teoria do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2009.
- HALL, Stuart. **Pensando a diáspora** – reflexões sobre a terra no exterior (p.25-48). In: HALL, Stuart. Da diáspora – Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- HOHLFELDT, Antonio Carlos. **Erico Verissimo viajante**: entre o permanente e o passageiro. In: Maria Regina Barcelos Bettiol; Patrícia Lessa Flores da Cunha; Sara Viola Rodrigues. (Org.). Erico verissimo - Muito além do tempo e o vento. Porto Alegre: EDUFRGS, 2005.



ISSN Nº 2526-8031

Vol. 3, n. 1, Jan-Abr. 2019

KEROUAC, Jack. **On the road** – Pé na estrada. Porto Alegre: L&PM, 2004.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luis Estevan; MORAIS, Marcus Vinícius. **História dos Estados Unidos**. São Paulo: Contexto, 2011.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**. Barueri: Manole, 2004.

LODGE, David. **A arte da ficção**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário** – tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016.

MARTINEZ, M. Reflexões sobre Jornalismo e História Oral: um campo com mais convergências do que dissonâncias. **Revista Observatório**, v. 2, n. 1, p. 75-91, 1 maio 2016.

DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n1p76>.

PAIVA, L.; MARTINS, L.; MARTINEZ, M. O FUTURO DO JORNALISMO LITERÁRIO: John S. Bak. **Revista Observatório**, v. 4, n. 6, p. 86-116, 8 out. 2018. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n6p86>.

SILVA, Juremir Machado. **O que pesquisar quer dizer** – como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RITTER, Eduardo. **A tribo jornalística de Erico Verissimo**. Ijuí: Unijuí, 2016a.

RITTER, E.; ROQUE, T. Acessibilidade e informação: a disparidade entre desenvolvimento tecnológico, leis e adaptações dos grandes portais brasileiros. **Revista Observatório**, v. 2, n. 2, p. 360-379, 30 maio 2016.

DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p360>.

RITTER, E. SERGIO VILAS-BOAS: um ícone enigmático do Jornalismo Literário brasileiro. **Revista Observatório**, v. 4, n. 6, p. 237-269, 8 out. 2018.

DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n6p237>

VERISSIMO, Erico. **A volta do gato preto**. São Paulo: Globo, 1996a.

VERISSIMO, Erico. **Gato preto em campo de neve**. São Paulo: Globo, 1996b.

WILLER, Carlos. **Geração beat**. Porto Alegre: L&PM, 2010.